

## MESTRE EM BRASILIDADE

Nesta dissertação apenas dois aspectos da vida do homenageado: o político e o maçônico. Há um terceiro, o profissional. Será mencionado, não aprofundado. Espera-se esboçar como ÁLVARO PALMEIRA integrou a verve política, o humanismo, o gosto pela ordem social, pela cultura (erudição) e – porque não dizer – o amor cristão, manifestamente mostrados em 93 anos de admirável vida, com ápice em 1968, quando compôs o Rito Brasileiro de Maçons Antigos, Livres e Aceitos. Nesse sentido o fato de, ao receber a distinção honorífica de *Mestre em Brasilidade* (que empresta título à presente dissertação), haver declarado que durante meio século de vida pública (até então) procurara sempre contribuir para o fortalecimento da brasilidade, fazendo-o “na cátedra, na imprensa, na tribuna e no livro” [PALMEIRA, 1971, p.8]<sup>1</sup>, concluindo com registro ufanoso: “... em março de 1968, antes de deixar o Grão-Mestrado Geral, cujo mandato terminou em 24 de junho do mesmo ano, dei força e vigor ao Rito Brasileiro...” [idem, p. 15]. O Rito foi a joia de sua coroa.

### I – ANTELÓQUIO

*Antelóquio* é o gracioso título que o nosso homenageado dá ao *prefácio* (do que *antelóquio* é sinônimo) do livro que publicou em 1983, *Uma Caminhada no Tempo*<sup>2</sup>, com informações valiosas quanto a formação de seu caráter: família, cursos, profissão, mormente o amor à família e a verve política, esta inequivocamente uma herança do pai, ANTÔNIO PALMEIRA, um Italiano que veio para o Brasil em 1893 com menos de vinte anos de idade – “pobre de bens, mas cheio de idealismo, *criado na viva tradição garibaldina*” (grifamos) – inequívoco indício da “*genética política*” do filho, ÁLVARO, que confessaria:

“É de assinalar-se que minha participação no movimento operário brasileiro resultou, não só de uma espontânea inclinação pessoal, *como também por natural apoio de meu pai, homem de largo descortino, apesar de operário, e que faleceu funcionário do Estado, Mestre de Ensino Técnico.*” [PALMEIRA, 1983, p. 117] (grifamos)

Antônio, originalmente *PALMIERE*, teve o sobrenome aportuguesado por influência do amigo (futuro compadre) que conheceu logo ao chegar ao Brasil: o alagoano ANTÔNIO DE MOURA CASTRO – “*florianista convicto, que lutara no Sul, onde conquistara os galões de Major*” (idem, p. 9]. Como o próprio “*Palmeirinha*” nos conta (op. cit.), nome de cidade e de ilustre família em Alagoas, terra natal do compadre MOURA CASTRO, o abrasileiramento do

---

<sup>1</sup> PALMEIRA, Álvaro – *Mestre em Brasilidade*. Supremo Conclave do Brasil: Rio de Janeiro, 1971, 15 pp. Discurso do homenageado ao lhe ser outorgada a Condecoração de Mestre em Brasilidade pela Sociedade Brasileira de Geografia, em 24 de maio de 1971.

<sup>2</sup> PALMEIRA, Álvaro – *Uma Caminhada no Tempo* (Curriculum Vitae com várias datas memorizadas). Editora Souza Marques: Rio de Janeiro, 1983, 128 pp.

nome, assim bem como a naturalização de seu pai, ANTÔNIO PALMEIRA, foi feito oficialmente. Outra coisa (agora nossa opinião): inequivocamente essa amizade com o major florianista (um tipo com realismo composto por LIMA BARRETO<sup>3</sup>) encontrou muita acolhida em alguém *criado na viva tradição garibaldina*.

Chegando ao Brasil, no ano seguinte (1894) Antônio se casaria com MARIA CARDOSO PALMEIRA, brasileira de ascendência portuguesa. Quatro filhos (Luiz, Julieta, Álvaro e Celeste). Harmonia de 58 anos: faleceu aos 78 de idade, em 1952, professor de Ensino Técnico (olha a “*genética social*”); Maria, aos 101, “*sempre diligente e carinhosa, em plena lucidez até quase o fim*”. “*Guardo amável lembrança dos que me deram a vida e o exemplo*” [PALMEIRA, 1983, p.7] (E assim vai se formando o seu caráter).

Avós. Pelo pai: LUIGI PALMIERI e MARIA ROSARIA MADALENA, ele, agricultor em Paola, Calábria, terra de SÃO FRANCISCO de ASSIS. Não conheceram o Brasil. ANTÔNIO (o pai) não retornaria à Itália, mas não perderia o afeto pelo torrão natal. PALMEIRA conta ter ouvido de Antônio referências afetuosas a seus pais e a um tio, frade no Convento de São Francisco de Paola (idem, p.9). Mantendo o mesmo afeto pela terra natal, Antônio ambientou-se ao Brasil, aqui trabalhou e prosperou. Não sei, mas nesse tom de pátria e acolhimento em terra estranha, podem ser vistos traços que se encontram no Ritual do Grau 32 do Rito Brasileiro<sup>4</sup>. É uma hipótese. A demonstração fica para outra oportunidade, se houver.

Avós. Pela mãe: os portugueses MANOEL JOSÉ CARDOSO e FRANCISCA FAUSTINA CARDOSO, a “*Vovó Chiquinha*”, açoriana da Ilha Terceira, “*de gênio alegre, gostando de contar anedotas sobre os portugueses reinóis*”. Vieram cedo para o Brasil. Ao falecer, ele, o avô, era “*patrão-mor dos escaleres da Alfândega*” no Rio de Janeiro.

PALMEIRA casou-se com a professora LIBANIA MARTINS (LIBANIA MARTINS PALMEIRA) em 29 de julho de 1922 (colegas, condiscípulos, na antiga Escola Normal do Distrito Federal, hoje, Instituto de Educação, Rio de Janeiro/RJ – funcionando então em um prédio hoje demolido por obras do Metrô, na Rua Joaquim Palhares, junto ao Largo do Estácio, Rio). LIBANIA faleceu repentinamente na manhã do dia 26 de maio de 1983. Apenas um filho: MAURÍCIO PALMEIRA, nascido em 3 de dezembro de 1923, também falecido, prematuramente, aos 52 anos de idade, em 31 de agosto de 1976 (advogado militante e professor

---

<sup>3</sup> LIMA BARRETO, Afonso Henriques de - Triste Fim de Policarpo Quaresma. Revista dos Tribunais: Rio de Janeiro, 1915, 1ª ed., 352 pp.

<sup>4</sup> RITO BRASILEIRO – Ritual do Grau 32, Guardiã do Civismo. Supremo Conclave do Brasil, Rito Brasileiro: Rio de Janeiro, 2015, 115 pp (escrito por PALMEIRA em 1968).

universitário). Casado com MARIA DO CÉU BANDEIRA PALMEIRA, legaram a ÁLVARO os três netos: MARIA COELI, MAURÍCIO FILHO (maçom) e MARIA CRISTINA.

Um último comentário: deste *Antelóquio* - pálido registro das origens familiares e descendência - alguém com maior arte investigativa e poder de análise, nessas linhas encontrará inequívocos traços na formação do caráter e mesmo da obra de PALMEIRA.

## II – CAMINHADA PROFANA

PALMEIRA nasceu na Cidade do Rio de Janeiro, em 18 de julho de 1899.

“ Em toda minha vida servi como Professor, Técnico de Educação e Administrador Escolar, e também como Médico. No magistério desde 1914 e na medicina desde 1926. Mais de meio século trabalhei nessas atividades. Graças sejam dadas a Deus! ” [PALMEIRA, 1983, p. 9].

Em 1914, 28 de setembro, com pouco mais de 15 anos de idade, aprovado em concurso público, foi nomeado auxiliar de ensino das escolas primárias do então Distrito Federal. Assim era permitido naquela época. Entretanto, em 1917, após três anos da nomeação, a Prefeitura decidiu que PALMEIRA, ainda cursando o 3º ano Normal, que seria concluído apenas em 1918, não podia simultaneamente ser aluno e professor municipal. Para que não ficasse desempregado, o então Diretor da Escola Normal, IGNÁCIO MANUEL AZEVEDO DO AMARAL (insigne matemático, mais tarde reitor da Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro) conseguiu um trabalho para PALMEIRA como revisor auxiliar do matutino *O Imparcial*, com sede na Rua da Quitanda, aqui no Rio.

Esta não seria sua primeira experiência jornalística. Em 1916 participara de um órgão estudantil, *A Colmeia*. Editado no porão da casa do Senador ALCINO GUANABARA: “além de veleidades literárias”, com seus companheiros (EDGARD SUSSEKIND DE MENDONÇA, JOSÉ LOURENÇO DOS SANTOS, EUCLIDES MENDES VIANA e PAULO MENDES VIANA), queriam “reformatar o mundo” [PALMEIRA, 1983, p. 15]. Interessante essa ligação com ALCINO GUANABARA, abolicionista e republicano no Império, jornalista, Senador por breve tempo na Primeira República (falecido, em 1918, logo após a posse). Este é dos pontos das “vidas” de PALMEIRA que merece investigação e reflexão: qual a ligação do grupo de estudantes com ALCINO GUANABARA?

Com precoces 17 anos - concomitantemente produzindo o mencionado *A Colmeia* – em 1916, também frequentou o *Templo da Humanidade*, na Rua Benjamin Constant, bairro da Glória, aqui no Rio, sede da *Igreja Positivista do Brasil*, fundada por MIGUEL DE LEMOS. Ali estudou Filosofia. Não se tornou positivista, mas confessa ter guardado grande respeito pela ação apostolar de RAIMUNDO TEIXEIRA MENDES (op. cit. p.15).

Em 1918 concluiu o curso da Escola Normal do Distrito Federal (hoje Instituto de Educação do Rio de Janeiro). Concomitantemente estudava, em tempo parcial, no Colégio Pedro II, externato (ali concluiria o curso secundário em 1920).

Oportuna essa menção do Colégio Pedro II. JOSÉ OITICICA (José Rodrigues Leite e Oiticica) - filólogo, professor catedrático do colégio, militante anarquista de destaque – em 1918 “*usava a sala de aulas de Português para, aos domingos, ensinar a alguns interessados*”. Nesse sentido, inclusive, há, no Museu da Imagem e do Som, Rio de Janeiro, depoimento prestado em 1972 pelo o escritor PRUDENTE DE MORAIS NETO (conhecido como *PEDRO DANTAS*). Contudo, ao contrário do depoente, PALMEIRA declara que nunca assistiu às aulas de Anarquismo ministradas por OITICICA. Nenhuma influência o insigne professor exerceu sobre ele; declara: “*sempre me conduzi por minha própria inspiração*” [op. cit., p.117]. Mas, em verdade, como se verá adiante, PALMEIRA estava envolvido com o anarco-sindicalismo.

É um ano (1918) de efervescência política. A Grande Guerra (1914 / 1918) chegaria ao fim; o bolchevismo já estava em grande desenvolvimento na Rússia desde 1917. No Brasil há um incipiente movimento anarco-sindical. PALMEIRA está envolvido (não nega). Nesse mesmo 1918, o próprio registra participação no movimento operário, colaborando com a União Geral da Construção Civil, Rio de Janeiro/RJ. Confessa, defendendo-se: “*era um adolescente*”. Ainda estudante da Escola Normal (onde iniciava a 4ª e última série do curso), institui um curso de Sociologia naquele sindicato, lecionando aos domingos. Em grande comício operário realizado no *Theatro Maison Moderne*<sup>5</sup>, nas comemorações do 1º de Maio de 1918, discursa “*reivindicando firmemente para o operariado o direito a uma vida digna*”, a saber: salário-mínimo, jornada de oito horas e contrato de trabalho [op. cit. p. 118].

Em 18 de novembro de 1918, ocorre, no Rio (e em outras partes do Estado do Rio), uma insurreição operária de inspiração anarco-sindical. Embora o caráter pacífico da greve geral então decretada – trabalhadores em fábricas de tecidos, metalúrgicos, trabalhadores das pedreiras e trabalhadores da construção civil (com cujo sindicato PALMEIRA colabora) - ocorrem conflitos em alguns estabelecimentos. Outrossim, os anarquistas, envolvidos com o movimento operário, tinham a irreal pretensão de derrubar o governo e, para tanto, planejaram a tomada de prédios públicos e a prisão de autoridades. Há verdadeira batalha com a Polícia Civil no Campo de São Cristóvão, aonde estavam reunidos cerca de 400 operários. Tiros,

---

<sup>5</sup> O *Theatro Maison Moderne*, empreendimento do célebre PASCHOAL SEGRETTO, inaugurado em 1903, ficava na Praça Tiradentes, onde hoje se ergue o Edifício Gaetano Segretto (irmão de Paschoal), esquina com a atual Rua Pedro I [Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. <http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=116&cdP=20>. Consulta em outubro de 2020].

bombas de dinamite (inclusive lançadas na Delegacia local, onde policiais acuados se abrigavam); presença da Cavalaria do Exército; muitos feridos [NÉBIAS, 2009]<sup>6</sup>. A insurreição teve o seu início e o seu fim no dia 18 de novembro, mas os trabalhadores continuaram com a greve geral. Prisões em vários pontos da cidade (op. cit.). Inclusive de líderes anarquistas como PALMEIRA e OITICICA – “*Oiticica e eu*”, confessa PALMEIRA: “*abominávamos o poder, mas illogicamente queríamos tomá-lo*” [PALMEIRA, 1983, p.119]. O processo, em Vara Federal, encerrou-se em fevereiro de 1919, todos os acusados sendo absolvidos e soltos – “*não fora abalada a forma de governo do País*”, como pretendiam.

A atividade política de PALMEIRA no campo anarco-sindical está muito bem detalhada pelo próprio no *Uma Caminhada no Tempo* (op.cit., 1983). PALMEIRA escreve livros, pronuncia conferências, participa de comícios, inclusive em São Paulo (Dia do Trabalho, 1919, Largo da Sé), assina manifestos, funda comitês, assume (13 de maio de 1920) a direção do matutino carioca *A Voz do Povo*<sup>7</sup> - confessa: “*Arrojei-me em lançar as bases filosóficas do Anarquismo. O Anarquismo como um ideal supremo de fraternidade, tinha sob os meus olhos a vida comunitária dos primeiros cristãos e divisava ‘a Cidade luminosa, embalada no Bem, no Amor e na Justiça’.*” [PALMEIRA, 1983, p.121]

### III – INTERLÚDIO<sup>8</sup>

O tom começa a mudar. PALMEIRA conclui: há coisas ilógicas. Todos os seus companheiros anarquistas só admitiam a destruição violenta do Estado. A bíblia do anarco-sindicalismo era o conhecido *Reflexões sobre a Violência*<sup>9</sup>, pelo qual GEORGES SOREL fazia a pregação da violência como instrumento da ação sindical. Mediante perguntas retóricas nosso homenageado faz breve reflexão:

---

<sup>6</sup> NÉBIAS, Wellington Barbosa. *A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro*: um resgate da atuação das associações de trabalhadores. Wellington Barbosa Nébias: Rio de Janeiro, 2009. 220pp. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>7</sup> *A Voz do Povo* (informa PALMEIRA), matutino lançado em 6 de fevereiro de 1920 sob a direção de CARLOS DIAS (operário gráfico de grande valor intelectual), foi a seguir dirigida pelo célebre AFONSO SCHMIDT, imediatamente substituído por PALMEIRA. Chegou a ser o matutino de maior tiragem na Cidade, apenas suplantado pelo vespertino *A Noite* de IRINEU MARINHO.

<sup>8</sup> “Interlúdio” - quem não sabe - em música, é a composição instrumental com a função de separar partes de uma mesma peça ou cena (p.ex., trecho tocado em órgão entre as estrofes de um hino, ou entre as cenas de uma ópera etc.) [AURÉLIO]. Aqui, como título do capítulo, ilustra a transição do jovem anarco-sindicalista para o maduro idealista maçom.

<sup>9</sup> SOREL, Georges - *Reflexões sobre a Violência*. Martins Fontes: São Paulo, 1ª ed., 1992. Escrito originalmente em 1906.

“... a via revolucionária, se por acaso conquistasse o poder, não significaria possuí-lo e mantê-lo firmemente? Onde ficaria a concepção do socialismo não-autoritário? Como conciliar a tomada do Poder, por via insurrecional, com o fundamento basilar, que impunha a existência do Poder desde o ponto de partida, não se admitindo, nem mesmo, que isso ocorresse no ponto final do processo político?” [PALMEIRA, 1983, p.124].

Crise pessoal. Se os anarquistas são contra o poder de qualquer forma, como, exatamente, pretendiam conquistar o poder, ainda mais pelo uso da violência que contrariava a concepção de um socialismo não autoritário? Sente-se obrigado a deixar o anarco-sindicalismo.

Conta-nos PALMEIRA (não diz quando; por certo, 1920): “Deixei, então, resolutamente, após uma conferência tumultuosa na União dos Operários na Construção Civil, na Rua Barão de São Félix, no Rio de Janeiro, o campo do anarco-sindicalismo e suas gritantes contradições.” (Op. cit., p.125). Então funda a Coligação Social, um movimento de vanguarda, sobretudo cultural. Pretendia reunir elementos expressivos da cultura e da política da época, para melhor compreensão dos problemas econômicos e sociais do Brasil e do mundo. Importante reflexão: cá entre nós, não se vê aí, comparando à expressão, “*estudo dos magnos problemas que interessam à Pátria e à Humanidade*” (muito própria do Rito) a gênese do Rito Brasileiro que PALMEIRA implantaria meio século depois? Os fundamentos vinham se formando, nos embates políticos, desde a tenra juventude do mestre.

Diz PALMEIRA:

“A Coligação não era um partido político – poderia vir a sê-lo. Eu não tinha ambições eleitorais (o que, na época, era considerado um pecado capital pelos anarco-sindicalistas). A nova via que eu próprio abria, não era ditada pelo temor da repressão policial, nem pela cobiça de posições.” [PALMEIRA, 1983, p. 125].

Compreendido por alguns dos antigos companheiros, mas rejeitado pela maioria, PALMEIRA sofre acusação de, sendo um veterano batalhador anarquista, estar então a pensar em um partido eleitoral, apoiado por políticos de carreira. A Coligação chega a sofrer sabotagens (não diz quais). O jovem velho batalhador enfrenta seus adversários. Desafia-os a debate pela imprensa, a debate público. Um a um, todos recusaram. Confessa PALMEIRA: “*Adiante, a Coligação fracassou*” (idem, p. 125).

Paralelamente à Coligação, PALMEIRA refere-se à formação do Grupo Carté, criado em 1921 na Cidade do Rio de Janeiro, por intelectuais que declaravam lutar por uma “*República Universal*”<sup>10</sup>. Diziam-se filiados ao grupo de mesmo nome, formado em Paris sob a liderança de HENRI BARBUSSE, RAYMOND LEFEBVRE e PAUL VAILLANT COUTURIER. O Grupo brasileiro incluiu, entre outros, o advogado e deputado NICANOR DO NASCIMENTO,

<sup>10</sup> ABREU, Alzira Alves de – Grupo Carté. <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CLART%C3%89,%20Grupo.pdf>, 3 pp. (Acesso em novembro de 2020). Menciona fontes de História

o advogado criminal e grande nome do movimento socialista EVARISTO DE MORAIS, o deputado e jornalista MAURÍCIO DE LACERDA (pai do célebre CARLOS DE LACERDA), o professor e jornalista LUÍS PALMEIRA (grifamos, irmão mais velho do nosso ÁLVARO – olha a gênese política da família), o líder socialista baiano AGRIPINO NAZARÉ, o jornalista e sindicalista revolucionário ANTÔNIO CORREIA DA SILVA, o jornalista e antigo anarquista FRANCISCO ALEXANDRE, o contador e tipógrafo EVERARDO DIAS, o jornalista e escritor AFONSO SCHMIDT, o jurista PONTES DE MIRANDA, ALCIDES ROSAS, A. CAVALCANTI, TERESA ESCOBAR, VICENTE PERROTA, e mais 30 aderentes, entre eles vários líderes sindicais [ABREU, p. 1]. O Grupo Clarté brasileiro, deixou de existir em 1925; a revista Carté, que editavam, teve seu último número em janeiro de 1922 [ABREU, p.3]. Confessa PALMEIRA: “*Inviabilizada a Clarté, abandonei, então definitivamente, o movimento operário, a que tinha dado todo o meu entusiasmo e desambição e onde, por vezes, sofrera o sacrifício da liberdade* (PALMEIRA, 1983, p. 126). Prossegue: “*Não fui um ‘trânsfuga’ - porque não fui atuar em campo oposto*”. Convém destacar sua confissão:

“*A Liberdade, a Justiça e a Paz são ideais generosos (a Paz fundada na Justiça, não no Direito), herdados de meu pai e inerentes ao meu espírito* (grifamos), *anelos inatos e, por isso, imposteráveis.*” [PALMEIRA, 1983, p. 126].

Não tomará parte nos partidos políticos que se formariam: o Comunista (1922), por incompatibilidade doutrinária, afirma; nem mesmo no Socialista (1925). Logo depois, em meio a esta transição, ingressava na Maçonaria (dezembro de 1920):

“*Idade mínima admissível na Instituição (21 anos), apoio de um grande maçom, OTAVIANO DE MENEZES BASTOS, e de um Grão-Mestre seguro e esclarecido, o general THOMAZ CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, positivista. No Grande Oriente, iria viver meio século, nele recebendo todos os Graus e todos os títulos*” [idem, p. 127].

Aqui termina o Interlúdio – ou a passagem do Anarco-sindicalismo à Maçonaria. Não há um ano (após 1920) ou um ponto exato. Deve haver certa arte na interpretação dos fatos e uma grande sensibilidade para neles perceber a Gênese do Rito Brasileiro que PALMEIRA implantaria em 1968. Convém lembrar:

(1) Funda a Coligação Social como um movimento de vanguarda, sobretudo cultural, reunindo elementos expressivos da cultura e da política da época, para melhor compreensão dos problemas econômicos e sociais do Brasil e do mundo (outro não é o Rito Brasileiro em seus Graus Superiores).

(2) Os generosos ideais de Liberdade, Justiça e Paz (Paz fundada na Justiça, não no Direito), anelos inatos que se constituirão em nomes (títulos) empregados nos Altos Graus do

Rito: Cavaleiro da Liberdade, Mestre da Justiça, Missionário da Paz – não apenas coincidências de nomes, mas algo recôndito.

Mas estas são hipóteses que escapam ao escopo e ao espaço disponível. Um ensaio mais tarde, quem sabe? Por certo uma pista a autores mais capazes? De todo modo, é fruto ainda verde deixado ao cuidado de geração futura, para interpretação mais fundamentada.

#### IV – CAMINHADA ENTRE COLUNAS

O ingresso na Maçonaria (09 de dezembro de 1920), cujo Centenário comemoramos, vai mudar o campo da atuação dos ideais de ÁLVARO PALMEIRA, mas, por enquanto, ao iniciar a caminhada entre colunas, malgrado houvesse rompido com o anarco-sindicalismo, ainda não se desvencilhara totalmente da política socialista e muito menos se desvencilharia do espírito combativo que muitos conflitos lhe trariam na vida maçônica. A Coligação estava fracassada, mas permanecia na direção da Voz do Povo, cuja última edição foi justamente nesse dezembro de 1920. Composta a mão, representava um imenso esforço da classe operária, em ter o seu próprio jornal, “*feito, mal feito, mas independente ... o movimento operário estava em declínio, depois das grandes greves de 1917 a 1920, e é compreensível que em tais condições não poderia a Voz do Povo sobreviver por muito tempo*” [PEREIRA, 1947] <sup>11</sup>.

Em julho de 1920 foi divulgado pela imprensa que um político ou sociólogo francês (PALMEIRA não define a qualificação, nem enuncia o nome) viria fazer conferência pública no Templo Nobre do GOB. Falaria sobre política internacional, especialmente sobre a revolução russa. Ligado à “L’Action Française” de CHARLES MAURRAS (um poeta monarquista, conservador, antisemita, etc.), o tal francês, no dizer de PALMEIRA [PALMEIRA, 1983, p. 67], “*para nós era um reacionário*” (“*nós*”, ele e seus companheiros da Voz do Povo). Comparecem à conferência. Terminado de falar o visitante, PALMEIRA sobe em um banco do Templo Nobre e pede a palavra (sessão presidida pelo Grão-Mestre THOMAZ CAVALCANTI). Esta não lhe foi concedida, nem negada. Forte burburinho. PALMEIRA repele o francês. Exalta a Liberdade apregoada pela Maçonaria. É aplaudido, retira-se com os companheiros sob aplausos. Encerra-se a sessão. No corredor é parado por JOÃO PEREIRA DA SILVA (a quem não conhecia). Este, um alfaiate, o convidava para ir a seu atelier. Conversam no dia seguinte, do que resulta um pedido de admissão à Maçonaria.

---

<sup>11</sup> PEREIRA, Astrojildo – A Imprensa Operária no Brasil (esboço de discurso pronunciado na ABI em julho de 1947). Fonte: Revista Novos Rumos; Fundação Dinarco Reis. In <https://www.marxists.org/portugues/astrojildo/1947/07/imprensa.htm>. (Acesso em novembro de 2020).



Embora limpo pelo escrutínio da Loja *Fraternidad Española*, encontra oposição no Conselho da Geral da Ordem, órgão que, à época, também participava da aprovação. Consideravam que um jovem insubmisso, líder de trabalhadores, causaria confusões mais tarde (cá entre nós, o que não deixaria de ser verdade). Havendo empate na votação, o Gen. THOMAZ CAVALCANTI, positivista, exerce direito ao “voto de Minerva” e aceita o ingresso de PALMEIRA, afirmando não aprovar restrições à liberdade de consciência (op. cit. p. 68).

Bom, convém resumir o que foi a caminhada entre colunas: PALMEIRA, que na juventude ligou-se ao anarco-sindicalismo, maçom, maduro, próximo dos 40 anos de idade, viria a apoiar o Governo da Ditadura Vargas e, mais tarde, na faixa dos 60, daria apoio ao regime militar do Governo, na esperança de que fosse breve (op. cit. p. 44/45).

Mesmo maçom, a política profana ainda se fez presente: em 1934, na fase constitucional da *Revolução de 30*, é lançado candidato a vereador por uma coligação do *Partido Democrático* com o *Partido Economista*. Embora expressiva votação, com suficientes votos pessoais para atender à legenda (por regras da época, voluntariamente inscrito como o 2º nome da lista de candidatos da coligação, não foi eleito, embora o mais votado). // Em 1935, por projeto proposto a 17 de outubro como Orador na Assembleia Geral do GOB (Assembleia Legislativa), elabora o Decreto Maçônico 1.120, que impedia o ingresso na Ordem de filiados a associações de esquerda ou de direita que defendessem doutrinas antimaçônicas (grifamos). Malgrado essa manifesta rejeição a extremismos feita em outubro, no dezembro do mesmo 1935 é preso e recolhido ao navio *Pedro I*, transformado em prisão, para averiguações de envolvimento na *Intentona Comunista* de 27 de novembro daquele ano. Foi liberado em 20 dias, sem ser ouvido. Atribuiu sua prisão à amizade com o Dr. PEDRO ERNESTO, médico, Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro por eleição, homem ligado a causas sociais, com quem PALMEIRA, também médico, havia trabalhado como residente na Casa de Saúde que PEDRO ERNESTO mantinha na Rua do Riachuelo. Não há razão para duvidar dessa circunstância, eis que, por objeções doutrinárias, confessa, nunca se juntou ao Partido Comunista (fundado em 1922). // Em 1937, na campanha à primeira sucessão presidencial na vigência da Constituição de 1934, manifesta-se publicamente em favor de JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA, pleito que não ocorreria pela decretação do *Estado Novo* (10/11/37). Contudo, confessa, mais tarde apoiaria a atuação de VARGAS na Chefia do Estado pelo firme espírito trabalhista e nacionalista demonstrado.

PALMEIRA, ele mesmo [1983, op. cit.] divide sua carreira maçônica em três fases: (1) no GOB, de 1920 a 1944; (2) no *Movimento Restaurador*, na *Grande Loja do Brasil* e no *Grande Oriente Unido*, de 1944 a 1956 e (3) no GOB, de volta, em 1957. Nessa carreira

maçônica, por sua combatividade, manifestada em discursos e posições inequívocas, enfrentou muitos ventos desfavoráveis. Assim, por exemplo (além do embate com RODRIGUES NEVES, adiante relatado), em 1933 – “*por haver fomentado rebelião contra o Grão-Mestre (OTÁVIO KELLY)*”, foi suspenso por 4 anos, processo maçônico que seria anulado em 1934, após KELLY deixar o Grão-Mestrado) [FARIA, 2019, p. 77]<sup>12</sup>.

Na 1ª fase, quando ocorrem as insurreições de 1922 e 25, a Revolução de 30, a Revolução Constitucionalista de 32, a Intentona Comunista de 35 e o Levante Integralista de 37, exerce atividade política por meio da Maçonaria. Nas crises de 1935 e 37, vigente a Constituição de 34, apoia o Governo Vargas, atuando ao lado do Grão-Mestre, Gen. MOREIRA GUIMARÃES. Como Orador da Assembleia Geral propõe um *Manifesto à Nação* em defesa da ordem pública (redação de sua autoria), assinado pelo Grão-Mestre, publicado na imprensa profana (01/10/37). Alguns dias depois (10/11/37) VARGAS decreta o *Estado Novo*, persistente até sua deposição em 29 de novembro de 1945. Por ordem do Governo o GOB seria então fechado, mas quase imediatamente reaberto em 7 de janeiro seguinte (1938). Permanecendo fechadas pela *Comissão Especial do Estado de Guerra* (órgão provisório do Governo), as Lojas do Amazonas, Acre, Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia e São Paulo, dirige manifesto ao Presidente da República, pedindo essa abertura. Em verdade, o que se vê é que o GOB, sob a direção do Gen. MOREIRA GUIMARÃES, tacitamente apoiaria o totalitarismo de VARGAS. Exemplo: o Dec.1.179 (02/06/38) impondo que as Lojas expulsassem<sup>13</sup> os adeptos de doutrinas contra o Governo [CASTELLANI, 1993, p. 244]<sup>14</sup>.

Em 1942 (com votação superior à do candidato a Grão-Mestre, JOAQUIM RODRIGUES NEVES), PALMEIRA é eleito Grão-Mestre Geral, adjunto. // Muito sabidamente, em 1943, promove a iniciação do Ministro VIRIATO VARGAS, irmão mais velho de GETÚLIO. // Com certa ternura (assim interpreto), registra a iniciação, nesse 1943, do amigo JOSÉ DE SOUZA MARQUES (Loja Brasil, Rito Brasileiro) – o espaço disponível não nos permite falar dessa amizade, mas é irresistível (falarei logo adiante).

PALMEIRA diplomou-se médico em 1926 na única escola oficial de medicina na então Capital da República, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro - onde ingressara em 1921,

---

<sup>12</sup> FARIA, Fernando de – *Rito Brasileiro – uma doutrina para o século*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2019, 292 pp.

<sup>13</sup> Uma sutileza, destacada aqui pelo presente autor: o Decreto 1.120, de 1937 (p. 9, supra), proposto por PALMEIRA, impedia (grifamos) o ingresso na Maçonaria; o Decreto 1.179, de 1938, expulsava.

<sup>14</sup> CASTELLANI, José – *História do Grande Oriente do Brasil* – a Maçonaria na História do Brasil. Brasília: GOB, 1993, 432 pp.

já membro da Maçonaria. Em 1927 se estabeleceu com uma farmácia em Mal. Hermes (Rua Cap. Rezende, esquina com Gen. Savaget) - *“para ter certeza de que minhas fórmulas (era o tempo em que os médicos formulavam em frente ao doente) eram aviadas com material de primeira ordem”* [PALMEIRA, 1983, p. 20]. Com certa graça, informa que sua farmácia era a única no mundo que dava prejuízo (coberto com os próprios vencimentos de professor e os de D. LIBANEA). Só recebia de quem podia pagar.

Agora falando da amizade com SOUZA MARQUES (é irresistível). Em 1933, o professor SOUZA MARQUES convida o professor PALMEIRA (que fora Diretor da Escola Técnico-Profissional Visconde de Mauá, Mal. Hermes, Rio - 1927/1931) a assumir as aulas de Ciências Naturais no Colégio Souza Marques, em Cascadura (hoje, Fundação Técnico-Educacional Universidade Souza Marques). Em 1936, já seria Diretor Técnico do Colégio e permaneceria, até o fim da vida, como Vice-Presidente, membro da diretoria da Fundação. A amizade com SOUZA MARQUES, perduraria com fraternal convívio de quase meio século. É em sala do amigo, na Av. 13 de Maio, Centro da Cidade do Rio de Janeiro, que PALMEIRA vai instalar o Supremo Conclave do Brasil do Rito Brasileiro, despejado da sala que dispunha em edifício da Travessa das Belas Artes, também no Centro do Rio (junto à Rua do Passeio, hoje demolido). Na Av. 13 de Maio o Conclave se manteria, graciosamente, até janeiro de 1974, quando, falecendo SOUZA MARQUES, por combinação prévia dos dois amigos, a sala foi restituída imediatamente à família do falecido.

Na 2ª fase, em verdade o presente autor não sabe como falar a verdade. Em 1944, o Grão-Mestre Geral (de quem PALMEIRA fora eleito adjunto em 1942) é JOAQUIM RODRIGUES NEVES, que já exercia o Supremo Malhete desde novembro de 1938, pela debilitada saúde de MOREIRA GUIMARÃES que faleceria em 10 de fevereiro de 1940 [CASTELLANI, 1993, p. 245]. De início colaboram, pois são de RODRIGUES NEVES os Atos do Grão-Mestre 1.617 (03/08/40) e 1.636 (06/02/41) pelos quais se institui o Supremo Conclave do Brasil como Oficina-Chefe do Rito Brasileiro, movimento liderado por OTAVIANO BASTOS e PALMEIRA. À época, 1940, *“o Rito reapareceria com os mesmos fundamentos de patriotismo com que fora instituído em 1914, talvez mais comprometido, pois, presumidamente pretendia agradar as ideias nacionalistas do Governo ditatorial de GETÚLIO VARGAS”* [FARIA, 2019, p. 83] (a época é de guerra mundial; Ditadura Vargas). Contudo, em 1944, o mesmo RODRIGUES NEVES, recomendado por decisão do Conselho Geral, viria a suspender por dois anos os direitos maçônicos de OTAVIANO BASTOS e ALEXANDRE BRASIL (Ato 1.842 de 22/03/44), a seguir, respectivamente em 25 e 30 de março, suspendendo

DILERMANDO DE ASSIS (Ato 1.843) e PALMEIRA, Grão-Mestre adjunto (Ato 1.845) (idem, p.83). Escapa ao limitado espaço disponível detalhar as razões de tão grave conflito. O fato é que RODRIGUES NEVES, pondo fim a graves divergências, suspendeu os direitos maçônicos dos líderes mencionados.

Suspensão, afasta-se do GOB. Com verve moral análoga (senão a mesma) com que criara a *Coligação Social*, rompendo com o anarco-sindicalismo, cria, em 1944, o *Movimento Maçônico Restaurador*, do qual não se anota nenhuma manifestação extraordinária. Com OTAVIANO BASTOS funda a *Grande Loja do Brasil* (18/05/45), formada apenas por três Lojas (também de vida efêmera) [CASTELLANI, 1993, p. 258]. Enfim, a 13 de março de 1948, funda o *Grande Oriente Unido* que, no início de 1950, absorveria a adormecida *Grande Loja do Brasil*. O *Movimento* teve sede na Rua Sete de Setembro, 183/1º andar, e a *Grande Loja do Brasil*, no sobrado da Av. Pres. Vargas, 1.093, ambos no Centro da Cidade do Rio de Janeiro [PALMEIRA, 1983, p. 72]. O *Grande Oriente Unido* funcionou no Templo próprio da *Loja Cayrú* (assim mesmo, com “y” e acento no “ú” final), no Meier, do que significativa placa foi posta naquele edifício, mais tarde transferindo-se para a Trav. das Belas Artes, 13, junto à Rua do Passeio<sup>15</sup>.

Nesta sua 2ª fase maçônica PALMEIRA permanece com atividades políticas profanas. Durante a redemocratização, após VARGAS ser deposto em 1945, esteve ligado à UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL (UDN), partido de tenaz oposição a GETÚLIO. Romperia com a UDN em 1946 por solidariedade ao Dr. JOÃO BATISTA DE AZEVEDO LIMA, que também se retirava por discordância com manobra política interna que fazia de HEITOR BELTRÃO candidato a Senador, mediante fraude antirregimental ao partido [PALMEIRA, 1983, p.26]. Posteriormente, à revelia (como declara) (idem, idem, p.27), foi feito candidato à Câmara Municipal do Rio pelo *Partido Republicano* – à revelia correu a campanha; não foi eleito.

Pois bem, após o falecimento de RODRIGUES NEVES (em pleno exercício do cargo de Grão-Mestre Geral - Recife, 09/06/53), PALMEIRA promoveria retorno definitivo ao GOB, após longos entendimentos e um Tratado de 1954 (GOB/Grande Oriente Unido) do qual resulta o Decreto 1.767 (22/12/56), incorporando ao GOB as 20 Lojas fundadas durante a dissidência e reincorporando as 31 antigas Lojas que haviam se afastado, todas vindas da jurisdição do Grande Oriente Unido. É um momento único na história maçônica brasileira. Por comparação, talvez apenas outra incorporação, em 1854, quando o nosso irmão CAXIAS passa ao GOB

---

<sup>15</sup> A história da relação do GOB com esse prédio da Trav. Belas Artes aguarda um pesquisador.

todos os corpos litúrgicos do Supremo Conselho do REAA, que então dirigia, sem qualquer exigência e sem a mesma pompa [FARIA, 2019, p.86/87].

No dia 22 de dezembro de 1956, sob a direção de PALMEIRA, voltam todos os irmãos afastados. Renunciam a seus títulos; devolvem estandartes, alfaias, malhetes, a *chave do grande cofre*, tudo é reintegrado ao GOB em meio a solene e emotiva cerimônia.

Na 3ª fase, duas observações: (1) no GOB, PALMEIRA e seus companheiros do Grande Oriente Unido (assim DINAMARCO e OSMANE) chegariam à supremacia do *Grande Malhete*; (2) em política, a colaboração com o Regime Militar de 1964. A reimplantação vitoriosa do Rito Brasileiro, em 1968, é uma espécie de '*joia da coroa*'.

Grão-Mestre, colabora com o Governo. Esperava que o autoritário movimento militar de 1964 fosse "*transitório, como sempre ocorreu com a intervenção militar em outros episódios ao longo da História do país – mas desta vez tornou-se permanente. Essa frustração já dura há quase 20 anos*" – escreveria em 1983 [PALMEIRA, 1983, p.44/45]. Pois bem, conforme essa presunção de transitoriedade, em 1967 apoia o Marechal COSTA E SILVA, candidato único à presidência da República, que desejoso de realizar um giro pelo país, não possuía um aparato de apoio popular. Atendendo a solicitação do Cel. MÁRIO ANDREAZZA (futuro ministro, mas, então, apenas Chefe de Gabinete do Marechal), o Grão-Mestre Geral do GOB toma providência de amplitude nacional: em todas as Capitais pelos Estados o candidato "*foi festivamente recebido por elementos maçônicos, à frente o Grão-Mestre Estadual ou o Delegado do Grão-Mestrado Geral*". Manifestando a índole da Maçonaria e do Grão-Mestre, "*na saudação, o orador sempre salientava e enaltecia a vocação democrática do povo brasileiro*" (grifamos) (op. cit. p. 44). "*Nós, maçons, pensávamos que o Mal. COSTA E SILVA fosse o derradeiro Chefe Militar investido na Chefia do Governo ... (entretanto) COSTA E SILVA morreu no exercício do cargo (1969), mas o Poder continuou nos quartéis, em vez de ser devolvido ao mundo civil*" (idem, ibidem).

Há outra nota política, destacando o espírito indômito de PALMEIRA. Em agosto de 1962, por três vezes esteve com o Gen. HUMBERTO DELGADO, que veio de São Paulo (onde fora feito maçom), para entrevistar-se com PALMEIRA, buscando auxílio dos maçons brasileiros para libertar Portugal do jugo salazarista. DELGADO, exilado no Brasil de 1959 a 64, retornou à Europa, sendo morto a tiros em 13 de fevereiro de 1965 na fronteira Portugal-Espanha. PALMEIRA, em 1983, a isto tudo descreveria com revolta (op. cit. p. 75/76).

Feita a observação política profana, cumpre falar dos passos finais desta *Caminhada ente Colunas*. Vindo do Grande Oriente Unido, no mesmo ano de 1957 é eleito Deputado à

Assembleia Federal Legislativa pela Loja Regeneração Barbacenense. Orador da Assembleia. /// Em 1961, cria o Seminário de Veneráveis, lecionando todo o programa. /// Em junho de 1962, Presidente da Assembleia. /// Em 1963, candidato único, é eleito Grão-Mestre Geral, tendo por adjunto seu amigo ERASMO MARTINS PEDRO, na política profana Deputado Federal e Secretário de Estado na Guanabara (seria Vice-Governador).

Como Grão-Mestre, entre tantas outras providências, em 1963, criou a Mútua Maçônica e instituiu a Instalação de Veneráveis /// Em 1964 (setembro) abre Edital de Concorrência para a construção do edifício à Av. N. Sra. de Fátima, esquina da Rua do Riachuelo, aqui no Rio, cujas obras apenas seriam concluídas no mandato de Grão-Mestre de OSMANE, em 1975 (embora não haja espaço para detalhar, convém dizer que PALMEIRA tomou posições decisivas em favor do tombamento do histórico prédio da Rua do Lavradio, ameaçado de demolição). /// Ainda em 1964, foi introduzida, no programa oficial da Semana de CAXIAS do Exército Brasileiro, a Sessão de Pompa Cívica do GOB (bem ao gosto de PALMEIRA); cria o Quarto de Hora de Estudos, introduzindo-o nos rituais de 1964. /// E tanto mais (a lista é longa).

A Joia da Coroa (apenas uma tese, aguarda demonstração mais firme).

Em 1968, ao apagarem-se as luzes de seu mandato de Grão-Mestre, não querendo reeleger-se, mas, sim, pretendendo, por relevantes motivos maçônicos, ser Grande Comendador do Supremo Conselho do Brasil para o REAA, foi derrotado. Em contrapartida retomou a ideia do Rito Brasileiro, então adormecido [FARIA, 2019, p. 89/94]. Com esse sentido, pelo Decreto 2.080, de 03 de 19 de março de 1968, renovou em seus objetivos o Ato 1.617 (03/08/40) do antigo desafeto RODRIGUES NEVES. Dá início à reimplantação vitoriosa, definitiva do Rito.

Penso ser o ápice-súmula dos ideais de PALMEIRA: a Paz baseada na Justiça. O anarco-sindicalismo, moldado com transição representada pela Coligação Social, não disfarça o sentido genético de luta (assim, por exemplo, o inócuo Movimento Maçônico Restaurador). Esses ideais consolidam-se, assumem perenidade e mantêm-se em evolução através do Rito Brasileiro que, nos Altos Graus, mediante o estudo dos magnos problemas que interessam à Pátria e à Humanidade, tem por eficaz objetivo o aprimoramento individual do obreiro segundo quádruplo aspecto (moral, social, cívico e humano). Mas isto é outra história.

## V – ACALANTO

Por que *acalanto* como título de uma mera conclusão? Não sei (“*Freud explica!*”). Talvez porque, depois da incipiente dissertação, a que se resume todo o trabalho acima, talvez

seja hora de adormecer sob a cantiga acalentadora de um lindo sonho: o Rito Brasileiro. Antes breve recapitulação, limitada pelo espaço disponível, praticamente esgotado:

1. A verve política foi herdada do pai, um italiano, “*criado na viva tradição garibaldina*”, amigo e compadre de um major florianista, veterano combatente dos embates dos primeiros dias republicanos. Vejam que o irmão LUIZ, o irmão mais velho, também exerce atividade política no campo do socialismo (exemplo: o Grupo Clarté brasileiro).

2. A atuação anarco-sindicalista se desfaz à medida em que no próprio espírito se estabelece uma contradição: “*O Anarquismo como um ideal supremo de fraternidade, tinha sob os meus olhos a vida comunitária dos primeiros cristãos e divisava ‘a Cidade luminosa, embalada no Bem, no Amor e na Justiça’*” – sendo assim, por que tomar o poder pelo uso da força, para adiante tê-lo que manter pela mesma força? Como conciliar?

3. A Coligação Social - criada como um movimento de vanguarda, sobretudo cultural, com a pretensão de reunir elementos expressivos da cultura e da política da época, para melhor compreensão dos problemas econômicos e sociais do Brasil e do mundo (grifamos) - cá entre nós, permite pensar que nesses ideais da Coligação se encontram ideais-gênese do Rito Brasileiro. Assim o Rito em seu objetivo nos Altos Graus: estudos dos magnos problemas da pátria e da Humanidade (grifo análogo ao anterior) – formavam-se desde a tenra juventude, pelos exemplos paternos de generosos ideais de Liberdade, Justiça e Paz fundada na Justiça, anelos inatos que se constituirão em títulos nos Altos Graus do Rito: Cavaleiro da Liberdade, Mestre da Justiça, Missionário da Paz – algo recôndito.

4. O encontro com a Maçonaria foi campo perfeito para ideais de liberdade e fraternidade, atendendo a uma índole de combatente por causas sociais. E, na Maçonaria, a obra que considera máxima após meio século de vida pública, procurando contribuir para o fortalecimento da brasilidade: “*assim nos aspectos morais como nas exigências cívicas*”, fazendo-o “*na cátedra, na imprensa, na tribuna e no livro*” [PALMEIRA, 1971, p.8] – e a conclusão ufanosa: “*... em março de 1968, antes de deixar o Grão-Mestrado Geral, cujo mandato terminou em 24 de junho do mesmo ano, dei força e vigor ao Rito Brasileiro..*” [idem, p. 15] (grifamos).

Enfim, a última frase: VIDAS e OBRAS de ÁLVARO PALMEIRA – o Vanguardeiro da Maçonaria, inclusive assim no plural (“*vidas*”, “*obras*”), não é tarefa para um solitário autor em linhas limitadas, mas, sim, para autores diversos em muitos volumes.

Valendo o respeitoso protesto, era o que tínhamos a dizer. PALMEIRA faleceu, aqui na Cidade do Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1992, com lúcidos 93 anos de idade.